

## O elo literário-filosófico vergiliano em *Aparição* (1971)<sup>1</sup> The vergilian literary: philosophical link in *Aparição* (1971)

Débora Mendes dos Santos ALVES<sup>2</sup>

**RESUMO:** A Literatura e a Filosofia, apesar de suas especificidades, possuem muitos pontos em comum. A partir dos escritos de Benedito Nunes (2010) podemos perceber que tal relação, denominada transacional, chama-nos a atenção para a compreensão das contribuições dessas duas áreas. Nesse sentido, com o presente estudo, objetivamos analisar as conexões estabelecidas entre os dois campos a partir do romance *Aparição* (1971), de Vergílio Ferreira, e as bases existencialistas de Jean-Paul Sartre, por meio da trajetória de alguns personagens. Portanto, percebemos o quanto a esfera transacional abordada por Benedito Nunes se faz presente no escrito vergiliano, uma vez que conceitos da filosofia existencialista podem ser identificados ao longo da narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Filosofia. Vergílio Ferreira. *Aparição*. Existencialismo.

**ABSTRACT:** Literature and Philosophy, despite their specificities, have many points in common. From the writings of Benedito Nunes (2010) we can realize that such a relationship, called transactional, calls our attention to the understanding of the contributions of these two areas. In this sense, with the present study, we aim to analyze the connections established between the two fields from the novel *Aparição* (1971), by Vergílio Ferreira and the existentialist bases of Jean-Paul Sartre, through the trajectory of some characters. Therefore, we realize how much the transactional sphere approached by Benedito Nunes is present in Vergil's writing, since concepts of existentialist philosophy can be identified throughout the narrative.

**KEYWORDS:** Literature. Philosophy. Vergílio Ferreira. *Aparição*. Existentialism.

---

<sup>1</sup> Este estudo é resultado do Programa de Iniciação Científica Voluntária (PICVOL) desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe, no período que compreende de agosto de 2020 a agosto de 2021, como parte do projeto "Literatura e Filosofia", sob a orientação do Professor Dr. Alexandre de Melo Andrade.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: debmendesufs@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5297-3953.

## Introdução

Nascido em 28 de janeiro de 1916, em Melo, município de Gouveia, Vergílio Ferreira foi professor, romancista, ensaísta, contista e tradutor. Entre suas publicações de caráter ficcional, destaca-se o romance *Aparição* (1971), analisado no presente estudo e que em 1959, ano de sua publicação, recebeu o “Prêmio Camilo Castelo Branco”. Assim, objetivamos estabelecer relações entre a Literatura e a Filosofia, a partir da obra vergiliana em questão, e as principais ideias da corrente filosófica existencialista, especialmente as concepções de Jean-Paul Sartre contidas na obra *O existencialismo é um Humanismo* (2014). Nessa perspectiva, refletimos os modos com que o texto literário acaba por interagir com os princípios basilares do existencialismo, por meio de alguns personagens selecionados, com o intuito de evidenciar os seus sentimentos e preocupações diante do sentido de sua existência.

A princípio, muitos consideram a literatura enquanto a arte da palavra. Ao pensarmos mais especificamente no termo arte, podemos evidenciar que se trata de “todo e qualquer meio apto à obtenção de determinado fim” (NUNES, 2016, p. 19). Desse modo, podemos inferir que por meio da sensibilidade da escolha das palavras e dentre muitos outros aspectos que compõem o fazer literário, há múltiplos caminhos para se alcançarem os seus reais propósitos.

Em seu ensaio *Espaço do Invisível* (1965), Vergílio Ferreira promove reflexões sobre o campo artístico. Para ele, “uma obra de arte é a forma autêntica da presença à verdade original da vida” (FERREIRA, 1965, p.17), logo, ela é vista como uma fonte representativa de emoções, na qual o indivíduo também tem a capacidade de se expressar por meio da catarse. Além disso, “cada artista revela-o naquilo que não víamos” (FERREIRA, 1965, p. 37); assim, “[...] a arte apura a água turva que o homem depois há-de beber” (FERREIRA, 1965, p. 37). Nesse ínterim, *Aparição* (1971) atua como uma ponte que nos permite observar variadas perspectivas de se compreender a existência. Cada personagem carrega em si um pouco de arte, seja a arte de cultivar, tocar e até mesmo escrever. Portanto, as palavras e a arte moldam uma conexão não somente literária, mas também filosófica.

Em *Que é a literatura?* (2019), Jean-Paul Sartre discute sobre o papel do engajamento da literatura na sociedade. Nesse sentido, em um primeiro momento, mais especificamente no capítulo intitulado “Que é escrever?”, Sartre faz algumas considerações a respeito das peculiaridades que envolvem o trabalho de um pintor e de um músico em relação à atividade do escritor. Conforme o filósofo francês, “não se pintam significados, não se transformam significados em música [...] o escritor, ao contrário, lida com os significados” (SARTRE, 2019, p. 19). Ao tratarmos as palavras de acordo com as ideias aristotélicas, percebemos que se trata de “[...] signos, pertencendo a um gênero vasto e rico, no qual se acham incluídos todos aqueles elementos cuja função é assinalar, indicar, referir e representar” (NUNES, 2016, p. 69, grifos do autor). É justamente no processo de manuseio de tais palavras que podemos diferenciar um poeta de um prosador. Para o primeiro, as palavras são escolhidas de modo mágico; assim, elas atuam como uma metamorfose do significado, enquanto que para o segundo, elas funcionam como um instrumento ativo, de caráter utilitário, capaz de designar objetos. Em suma, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (SARTRE, 2019, p. 30).

Desde os primórdios, o indivíduo está em uma busca constante pela verdade, a fim de encontrar respostas para os mais variados questionamentos. Com o intuito de esclarecer tais indagações, o ser humano vê no mito uma alternativa. No entanto, com o passar do tempo, observamos que a filosofia se torna um importante pilar na busca



para explicar as demandas vigentes, baseando-se na razão, por isso, “[...] a filosofia é tarefa da *ratio*” (HEIDEGGER, 2018, p.7, grifos do autor). Vale lembrar que “[...] os pensadores gregos Platão e Aristóteles chamaram a atenção para o fato de que a filosofia e o filosofar fazem parte de uma dimensão do homem, que designamos dis-posição (no sentido de uma tonalidade afetiva que nos harmoniza e nos convoca por um apelo)” (HEIDEGGER, 2018, p.38).

No texto “Poesia e Filosofia: uma transa”, Benedito Nunes nos apresenta as relações de entroncamento e/ou bifurcação entre as duas disciplinas. Inicialmente, nos são esclarecidos os conceitos das duas áreas, a saber, a poesia está centrada “no sentido estrito de composição verbal [...], no sentido lato, o elemento espiritual da arte” (NUNES, 2010, p. 1), enquanto a filosofia “designa seja o pensamento, de cunho racional, seja a elaboração reflexiva das concepções do real e de seu conhecimento respectivo” (NUNES, 2010, p. 1). Além disso, Benedito Nunes também expressa três esferas da relação entre a Filosofia e a Poesia: disciplinar, supradisciplinar e transacional. Diante dos objetivos deste trabalho utilizaremos a perspectiva transacional, que visa a aproximação entre as duas áreas do conhecimento. Partindo de tal pressuposto, acrescentamos ainda a concepção heideggeriana de que “pensar e poetar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam” (HEIDEGGER, 2018, p. 46). Portanto, diante das questões abordadas podemos nos apoiar ainda em Paviani (2009), que nos diz que:

A Filosofia e a Literatura têm em comum o poder da palavra, o cuidado com a linguagem que interroga o ser, o nada, o pensamento das origens. Nesse aspecto, além do conhecimento teórico ou das qualidades literárias de expressão, ambas têm em comum a possibilidade de se instaurarem no domínio da sabedoria. (PAVIANI, 2009, p. 62).

## Existencialismo

Anteriormente à consolidação do existencialismo nos deparamos com os pensamentos de Sócrates e René Descartes, por exemplo, que, apesar das peculiaridades que envolvem os seus trabalhos, se encontram no que diz respeito à importância do autoconhecimento. É nessa experiência íntima do encontro consigo mesmo que surgem os dilemas de lidar com os próprios sentimentos e os anseios que circundam o sentido da existência. Com efeito, essas preocupações constituem os pilares da filosofia existencialista, “que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto” (PENHA, 2014, p. 12).

No século XIX, Sóren Aabye Kierkegaard abre os caminhos para pensar acerca da existência dividindo-a em três momentos, que posteriormente influenciará nas questões discutidas pelos filósofos existencialistas. Penha (2014) mostra que o primeiro, denominado estético, consiste na tentativa de compreensão dos propósitos da existência, de modo que o homem sente-se livre e busca viver intensamente, visto que o amanhã é incerto. Para efetivar essa vivência é preciso realizar escolhas. Como não há pistas para guiar as suas decisões, já que elas são particulares, como resultado há uma insatisfação do indivíduo, lacunas no seu processo de (re)descobrimto e o desespero de sua condição. É nessa conjuntura desesperadora que se chega ao patamar ético, em que o homem, mesmo ciente de sua liberdade, acaba por seguir os parâmetros sociais. Por último, o religioso se encarrega de suprir as necessidades do ser humano, isto é, por meio da fé, do apego a uma



entidade divina; seguindo os preceitos religiosos é que se encontra o verdadeiro sentido da existência, o que configura a Kierkegaard a vertente do existencialismo cristão.

Para além das premissas de Sóren A. Kierkegaard, dentre os vários autores que integram as correntes existencialistas, destaca-se, no século XX, Jean-Paul Sartre, um importante colaborador para os estudos do existencialismo, principal responsável por difundir os ideais existencialistas no período em questão e grande nome do existencialismo ateu. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em meio à destruição, a uma crise geral e à descrença da população em driblar as consequências provenientes do conflito, emerge o existencialismo moderno. Contudo, o movimento passou de uma doutrina filosófica para uma praxe responsável por denominar as práticas mais infames. Nesse sentido, as ideias existencialistas não foram bem vistas e seus pensamentos distorcidos, visto que foram acusados de “[...] explorar o lado sórdido da existência humana, fixando-se nas exceções da vida. Corruptos, amorais, degradadores, perniciosos, pregoeiros do desespero a se comprazerem no tédio e na melancolia” (PENHA, 2014, p. 8).

A fim de responder às variadas críticas proferidas aos ideais existencialistas, diante das acusações de negligenciamento da natureza humana e dos mandamentos de Deus, Sartre elabora uma conferência intitulada *O Existencialismo é um Humanismo* (2014). O texto elaborado para tal evento resulta na obra de mesmo nome, apresentando as concepções primordiais dessa filosofia. Em síntese, podemos apontar algumas informações vitais para a percepção basilar do existencialismo sartreano, como a existência precedendo a essência, a responsabilidade, a angústia, a condição de liberdade, o humanismo, entre outras.

Inicialmente, Jean-Paul Sartre esclarece em sua conferência que “a existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 23), ou seja, o indivíduo primeiro existe e só depois se define. Sob esse viés, ele explica ainda que esse pensamento possui ligação com o existencialismo ateu, pois:

[...] mesmo que Deus não exista, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito [...]. Se o homem, na concepção do existencialismo não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz. (SARTRE, 2014, p. 25).

Em meio às escolhas que permeiam o projeto daquilo que o indivíduo irá se tornar, é preciso estar ciente de que cada uma delas clama por responsabilidades não apenas na esfera individual, mas também coletiva, já que “ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens” (SARTRE, 2014, p. 27). Por conseguinte, ao levar em conta a inexistência de Deus, o homem se vê sozinho e, mesmo a par de sua condição de liberdade, não possui um ideal para fundamentar as suas atitudes, o que o deixa tomado pela angústia. Logo, “[...] o homem está condenado a ser livre. Condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que uma vez que é lançado no mundo, é o responsável por tudo o que faz” (SARTRE, 2014, p. 33).

O sentido que é dado à vida depende das escolhas realizadas. Desse modo, há uma “[...] possibilidade de criarmos uma comunidade humana” (SARTRE, 2014, p. 33). Portanto, quando Sartre diz que o existencialismo é um humanismo, quer dizer que o homem é encarado como fim e valor superior, além de que:

[...] não há outro legislador senão ele mesmo, e que é no desamparo que ele decidirá por si mesmo; e porque mostramos que não é voltando-se para si mesmo, mas sempre buscando fora de si um fim que consiste nessa liberação, nesta realização particular, que o homem se realizará precisamente como humano. (SARTRE, 2014, p.61).

### **Aparição e existencialismo: um elo literário-filosófico**

Como proposto, os pensamentos de Jean-Paul Sartre contidos na obra *O existencialismo é um humanismo* (2014) serviram de base para as análises empreendidas, visto que promovem o diálogo com passagens do romance *Aparição* (1971). É válido destacar que muitas dessas confluências podem ser explicadas pelo fato de Vergílio Ferreira ter traduzido e elaborado o ensaio que compõe o prefácio da obra sartreana em sua edição de língua portuguesa. Assim, a partir do percurso de personagens como Alberto Soares, Bailote, Carolino, Cristina e Sofia, examinaremos tais diálogos. Além disso, como posto por João Décio:

[...] o romancista parece ter nascido para a sondagem em profundidade dos aspectos mais abissais do ser, como a angústia, a solidão, o absurdo da vida, a comunicação, a velhice, a necessidade da arte e, especialmente, a dualidade contingência-transcendência, que vão conduzir seus romances a altitudes pouco encontráveis na Literatura Portuguesa. (DÉCIO, 2001, p.12).

Antes de nos debruçarmos sobre as análises de alguns dos personagens do romance de Vergílio Ferreira, é importante pensar no quanto o título da obra proporciona pistas para os mistérios que iremos encontrar. O ato de aparecer, no sentido de um acontecimento inesperado, nos é posto diversas vezes ao longo da narrativa, a exemplo das aparições dos variados questionamentos acerca da existência humana.

Logo no segundo capítulo, nos deparamos com Alberto Soares relatando suas primeiras preocupações, “[...] Havia enfim, desde a infância, essa velha pergunta sobre a descoberta de nós próprios e que eu também fizera um dia a meu pai: Quem sou eu?” (FERREIRA, 1971, p. 19). A partir dessa passagem, observamos que a curiosidade de conhecer a sua própria condição, de buscar uma definição para aquilo que se é, nos faz lembrar de um dos princípios básicos do existencialismo, o de que “a existência precede a essência”. Alberto primeiro existe e só depois conseguirá se definir. Nesse processo de significação, ele será aquilo que projeta vir a ser, isto é, o único responsável por suas escolhas.

Além disso, no decorrer da trama é inevitável citar o marcante episódio do espelho, em que, cercado da família, ouvindo histórias de seu pai na varanda, a pedido da mãe Alberto vai até o quarto buscar uma manta e uma almofada, mas se assusta acreditando que além dele pode haver uma outra pessoa no aposento, possivelmente um ladrão. Assustado e amparado por seus pais, o menino se dá conta de que não passava da imagem dele mesmo refletida no espelho. Assim, os enigmas que circundam a existência, o encontro repentino com o eu, provocam angústia, que, sob a ótica existencialista, trata-se da sensação de desespero de lidar com o rumo de sua trajetória, de compreender o sentido de seu lugar no mundo:

Pela primeira vez eu tinha o alarme dessa viva realidade que era eu, desse ser vivo que até então vivera comigo na absoluta



indiferença de apenas ser e em que agora descobria qualquer coisa *mais*, que me excedia e me metia medo. Quantas vezes mais tarde eu repetiria a experiência no desejo de fixar essa aparição fulminante de mim a mim próprio, essa entidade misteriosa que eu era e agora absolutamente se me anunciava. (FERREIRA, 1971, p. 51, grifos do autor).

### **Bailote: o semeador da própria existência**

Bailote é um exímio semeador, sabe lidar com a terra de modo majestoso e exerce a mesma função por longos anos. Embora ame o seu trabalho, o peso da idade faz com que os movimentos de suas mãos fiquem cada vez mais limitados. Logo, o fato de não poder trabalhar com a mesma destreza de antes o enche de preocupações e ao mesmo tempo de uma esperança de que com a recomendação de um remédio eficaz ele possa retornar às suas atividades com o mesmo afinco. Assim, Alberto Soares, ao acompanhar o médico Moura durante uma visita a uma de suas pacientes, nos relata a aflição do semeador ao parar o carro em que eles estavam, a fim de buscar uma solução para as reclamações que ouve de seu patrão:

— Agora o patrão diz que eu já não tenho mão.  
E mostrava a sua desgraçada mão, envelhecida, carbonizada de anos e soalheira. Moura olhou-me e sorriu-me numa cumplicidade.  
— Olhe. Faça ginástica aos dedos. Assim.  
E exemplificava. De olhos escorregados, o homem lamentou-se:  
— Tenho feito, senhor doutor. Mas o patrão Arnaldo diz que eu já não tenho mão. Veja, senhor doutor, então isto não será ainda uma mão de homem?  
E tentava cavá-la fundo, com os dedos gretados no ar.  
— Então que quer que eu lhe faça?  
— Dê-me um remédio, senhor doutor. Um remédio que me ponha a mão como a tinha. Assim grande, assim funda, assim, assim...  
E moldava no ar a capacidade de uma mão de Jeová.  
(FERREIRA, 1971, p. 44).

Podemos depreender da passagem acima que a percepção de envelhecimento do semeador é reforçada a partir dos dizeres de seu patrão Arnaldo. Nesse sentido, tal acontecimento possibilita estabelecer uma ligação com a filosofia existencialista no que se refere “à existência do outro”, ou seja, a verdade sobre o envelhecimento e a execução do trabalho de forma comprometida só é tida como uma verdade para Bailote, pois primeiro ela foi passada pelo olhar de outra pessoa, como assinala Sartre:

O outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para o meu autoconhecimento. Nestas condições, a descoberta de meu íntimo revela-me, ao mesmo tempo, o outro como uma liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e quer a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um mundo que chamaremos de intersubjetividade, um mundo



em que o homem decide o que ele é e o que os outros são.  
(SARTRE, 2014, p. 48).

Portanto, o patrão continuará sendo o patrão, mas o semeador já não terá a mesma oportunidade, já que Arnaldo, além de projetar aquilo que ele quer ser, acaba por projetar também as condições do semeador que, mesmo diante de suas escolhas, de seu vínculo com a terra, já não possui os requisitos necessário julgados pelo patrão. Com efeito, as escolhas de Bailote estão atreladas ao ato de cuidar da terra, porém, a impossibilidade de dar continuidade ao que o move, ao que sustenta a sua condição humana, faz com que ele se enforque, evidenciando o sentido de sua existência ou o final dela.

### **Carolino: entre liberdade e má-fé**

Carolino, vulgo Bexiguinha, é aluno de Alberto Soares. De aparência frágil, ele apresenta ideias consideradas desconexas e que por conta disso não são levadas muito a sério pelas pessoas próximas. Após Alberto relatar a cena do espelho quando era criança, Carolino passa a discutir sobre os sentimentos dos animais, a exemplo de uma galinha. O fato em questão desperta inquietações no narrador protagonista:

Eu estava atônito. Porque sentia em Carolino, através do que havia nele de estranho, uma inquietante separação de si, não sei se para o encontro lúcido consigo, se para uma união de loucura. Precisava de conversar com o pobre Bexiguinha. Ele era decerto um louco. (FERREIRA, 1971, p. 53).

Embora julgado como louco, Carolino tem consigo algumas percepções sobre a condição humana e sua relação com uma entidade superior. Em conversa com Alberto sobre a morte do semeador, ele diz: “pensei muito, senhor doutor, na história do homem que se enforcou. Esse homem que já não tinha boa mão para semear. E então eu pensei: já não há deuses para criarem, e assim o homem, senhor doutor, o homem é que é deus porque pode matar” (FERREIRA, 1971, p. 88). Ora, a partir da consideração da inexistência de uma divindade onipotente que de certa maneira justifica as decisões do indivíduo, a ausência de uma natureza humana na qual ele possa se fundamentar, torna-o protagonista de suas ações, o que evidencia a sua liberdade. No entanto, ainda que ciente dessa liberdade, conforme Sartre (2014), a escolha individual também implica na escolha do outro, o que permite a emissão de juízos, já que cada decisão pode estar atravessada por diferentes concepções.

Ao serem surpreendidos por um cão na volta para casa, Alberto e Carolino buscam se defender e, ao atirarem pedras para afastar o animal, Bexiguinha acerta uma galinha por engano e a mata: “[...] olhava-a fascinado, olhava-lhe o bico, donde o sangue pingava, olhava-lhe as penas da asa que segurava, toda aberta em leque, a outra asa descaída, as patas negras com anéis de rugas e de dedos unidos. E dizia em voz surda: — Matei-a.” (FERREIRA, 1971, p. 90). Se em um momento anterior Carolino estava preocupado, levantando questões sobre possíveis sentimentos dos animais, o fato de ter matado a galinha não lhe causou espanto, pelo contrário, deixou-lhe fascinado.



Ao longo da obra somos colocados diante de um romance entre Carolino e Sofia (que até então se configurava como uma paixão de Alberto). Contudo, apesar do afastamento de Alberto e Sofia, os dois se encontram por iniciativa dela ao enviar um bilhete para encontrá-lo no Museu. Durante o encontro, em meio aos diálogos proferidos, a imagem vulnerável de Bexiguinha é sustentada pelas palavras de Sofia:

— O Carolino é um homem como qualquer outro. E é novo. Além disso tem ideias. Também sabe valorizar até o que não tem valor. Mas é extraordinariamente tímido. Bom, há várias formas de timidez, quero dizer, várias razões para o ser. Mas a dele é a daqueles para quem um pecado é mesmo um pecado, uma sedução terrível, e que defendem portanto uma inocência que detestam ou que amam com um amor infeliz. (FERREIRA, 1971, p. 126).

Toda essa timidez constatada por ela, além da fragilidade com que as outras pessoas o enxergam, nos coloca em dúvida sobre o seu verdadeiro eu. Ele realmente é tímido e frágil ou se esconde diante dessas adjetivações para não colocar em evidência aquilo que realmente é? Suscitamos tais questões, pois consoante Sartre: “[...] um homem não é outra coisa senão uma série de empreendimentos, a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem essas empreitadas” (SARTRE, 2014, p. 43). O que verificamos ao longo da leitura da obra é um Carolino movido por seus impulsos, que usa de sua liberdade para cometer atos que não condizem com a personalidade demonstrada.

Em um momento de fúria, por exemplo, tomado pelo ciúme que sente por Sofia, Carolino vai até a casa de Alberto procurá-lo. Podemos notar um novo homem, diferente daquela figura delineada:

— Os senhores julgam que eu sou um trouxa, todos vocês julgam que eu sou para aqui uma trampa. Mas enganam-se, mas enganam-se, sou um homem, sou eu! Eu posso! Eu se quiser... Tenho o mundo nas mãos, até a cidade, até uma cidade, podia deitar fogo à cidade, podia... Eu sou eu! Tenho estas mãos...  
[...]  
Eu sou um homem! gritou o moço outra vez. — Sei o que quero. Sou livre, sou grande, tenho em mim um poder imenso. Imenso como Deus. Ele construía. Eu posso destruir. (FERREIRA, 1971, p. 148).

A noção de liberdade expressa por Carolino está ligada ao âmbito da devastação. Os sentimentos aflorados em uma situação como esta o impulsionam a tomar a decisão de ferir Alberto com uma navalha, mas o professor consegue se defender e evitar algum tipo de dano. Tendo em vista tal atitude, podemos verificar que, de acordo com Jean-Paul Sartre: “não posso nem buscar em mim mesmo o sentido autêntico que me impulsionará à ação, nem procurar em uma moral os conceitos que me permitirão agir” (SARTRE, 1971, p. 37). Além disso, Alberto destaca a possibilidade de Carolino ter encontrado no ato de matar o sentido de sua condição humana: “[...] Mas que verdade é a tua descoberta a sangue e a morte? Porque sei agora que o teu crime não era contra



mim, não seria contra ela. O teu crime era contra a vida, contra o absurdo que te assolou” (FERREIRA, 1971, p. 150).

Além do ocorrido citado, temos como desfecho vital para a trajetória de Bexiguinha o seu ato de assassinar Sofia: “Sofia apareceu num caminho que parte de junto do Chafariz de El-Rei, assassinada a punhal” (FERREIRA, 1971, 186). Portanto, na esfera amistosa que se deu a relação de Carolino e Alberto, percebemos a inversão do conhecimento adquirido, como destaca João Décio: “[...] Alberto ensina que o homem tem o poder de criar algumas coisas, que isto é o grande milagre, a grande aparição e que aí o ser se gratifica. Carolino entende a importância do poder do homem, mas cai para o lado da destruição” (DÉCIO, 2001, p. 15).

### **Cristina: arte e existência**

Em seu ensaio *Espaço do invisível* (1965), Vergílio Ferreira discute, entre outras questões, algumas ligadas à arte, evidenciando o seu prazer, o seu valor de inferioridade ou superioridade de acordo com a sua eficácia, os critérios estéticos, os artifícios etc. Para ele, a “Arte é flagrância de aparição, comunhão absoluta, plenitude de vivência” (FERREIRA, 1965, p. 29). Nesse sentido, é no contato com a música que a personagem Cristina, filha de Dr. Moura, finca as suas raízes. A menina, de um talento extraordinário, encanta Alberto ao tocar piano em uma de suas visitas à família do doutor:

E então eu vi, eu *vi* abrir-se à nossa face o dom da revelação. Que eram, pois, todas as nossas conversas, a nossa alegria de taças e cigarros, diante daquela evidência? Tudo o que era verdadeiro e inextinguível, tudo quanto se realizava em grandeza e plenitude, tudo quanto era pureza e interrogação, perfeito e sem excesso, começava e acaba ali, entre as mãos indefesas de uma criança. (FERREIRA, 1971, p. 29, grifos do autor).

Em algumas passagens percebemos a dedicação de Cristina, o quanto a arte a completa e o quanto Alberto fica comovido cada vez que a ouve tocar. Assim, “[...] É pelo sentimento estético, artístico do mundo, que o ser se diferencia extremamente do comum dos seres” (DÉCIO, 2001, p. 37). Porém, todo o aspecto sublime que envolve a música e Cristina é cessado quando na volta para Évora; após um festejo carnavalesco, Cristina se fere gravemente em um acidente provocado pela partição da direção do carro de Alfredo. No hospital, ainda que em seus últimos sinais de vida, Alberto verifica toda a intimidade que a menina possui com a música, o sentido de sua existência está atrelado à arte, a tocar piano:

E a certa altura, sem que ninguém mais tivesse visto, só eu vi, só eu vi. Cristina, as tuas mãos pousadas sobre a dobra do lençol moveram os dedos brevemente. Era um movimento concertado das duas mãos, mas num ritmo de cansaço final. Na dobra do lençol tu sentias o teu piano, tu tocavas. Cristina, tu tocavas para ti e para mim. Música do fim, a alegria subtil desde o fundo da noite, desde o silêncio da morte. E eu ta ouço ainda agora, Cristina, gelado à lua verde deste Março na montanha, entre o



vago deserto que alastra à minha volta e este húmido afago que me vela os olhos de ternura... (FERREIRA, 1971, 144 - 145).

É no movimento de seus dedos que constatamos a condição humana de Cristina. Desse modo, a passagem supracitada pode ser interpretada sob o viés sartreano de que: “não é voltando-se para si mesmo, mas sempre buscando fora de si um fim que consiste nessa liberação, nessa realização particular, que o homem se realizará precisamente como humano” (SARTRE, 2014, p. 61).

### **Alberto e Sofia: uma transfiguração?**

A conexão existente entre os personagens Alberto e Sofia pode ser interpretada para além do amor erótico que os envolve, como, por exemplo, a personificação do domínio literário e filosófico. Alberto de acordo com a literatura, uma vez que possui uma formação na área das Letras e uma visão de mundo bastante poética, e Sofia de acordo com a filosofia, pautando-se tanto no significado de seu nome, que nos remete à sabedoria, quanto nas suas ações ao longo da trama. Dessa forma, a relação transacional apontada por Benedito Nunes pode ser identificada entre eles.

Para tanto, notamos que Alberto faz das palavras um mecanismo de desvendamento do mundo, ele transfigura os significados, principalmente quando se trata de Sofia, além de sua sensibilidade de captação dos enigmas de cunho existencial. Sofia, durante as aulas de Latim ministradas por Alberto, possui comportamentos instáveis, dado que em um dia aparece dominando todo o conteúdo e no outro é tomada por dúvidas, age como se tivesse desaprendendo tudo o que lhe foi ensinado. Portanto, seria essa oscilação da menina o mistério da vida? Em um dia julgamos dominar o mundo, conhecer as coisas, mas no outro somos tomados pelas incertezas, assim como acontece durante o percurso de busca pelo saber filosófico?

### **Considerações finais**

A partir da proposição de se estudar os vínculos presentes entre Literatura e Filosofia, buscamos comprovar tais relações por meio do romance *Aparição* (1971), do escritor português Vergílio Ferreira, e da conferência do filósofo francês Jean-Paul Sartre, intitulada *O existencialismo é um humanismo* (2014). Dessa maneira, foi possível notar as múltiplas vozes presentes na narrativa e os modos distintos ao encarar a realidade, isto é, cada personagem possui uma percepção da própria existência, perpassando por alguns dos princípios contidos na obra existencialista sartreana.

Nesse sentido, observamos a preocupação com o sentido da existência e a investigação do ser na figura de Alberto Soares; o modo como o encontro consigo mesmo a partir da existência do outro promove o sentido ou o fim da existência na figura do semeador Bailote; a condição de liberdade do homem e a má fé na figura de Carolino; a arte enquanto alicerce para a descoberta do humanismo de Cristina e, por fim, a transfiguração de Alberto e Sofia em uma interpretação para além dos laços afetivos: a personificação das disciplinas aqui investigadas. Portanto, nos fundamentamos em Benedito Nunes (2010), a fim de reforçar que há uma relação



transacional entre as duas áreas do conhecimento e que, apesar de possuírem as suas especificidades, elas podem se complementar.

## Referências

- DÉCIO, João. *Vergílio Ferreira: a ficção e o ensaio*. Blumenau: Edifurb, 2001.
- FERREIRA, Vergílio. *Espaço do invisível*. Lisboa: Portugália Editora, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Aparição*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto: a filosofia?*. Tradução Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- NUNES, Benedito. *Ensaios filosóficos*. Organização Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- PAVIANI, Jayme. Traços filosóficos e literários nos textos. In: ROHDEN, Luiz; PIRES, Cecília. Traços filosóficos e literários nos textos. In: *Filosofia e literatura: uma relação transacional*. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 62 – 75.
- PENHA, João da. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. Que é escrever? In: \_\_\_\_\_. *Que é a literatura?*. Tradução Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 15-40.
- \_\_\_\_\_. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

